



## NOTAS SOBRE A *DESTRUIÇÃO DA RAZÃO* DE GEORGE LUKÁCS: FILOSOFIA E HISTÓRIA

*Cristiano Moraes Junta*

*Mestre – Universidade Federal de  
São Carlos (UFSCar)  
cristiano.junta@gmail.com*

Na “A destruição da Razão” de George Lukács o tema do livro aparece desde o sub-título, onde pode-se ler “a trajetória do irracionalismo desde Schelling até Hitler”. Na introdução Lukács especifica seu interesse do seguinte modo:

“ O tema que diante de nós se apresenta é, pois, este: assinalar o caminho seguindo pela Alemanha até chegar a Hitler, no terreno da filosofia. Dito de outra forma, demonstrar como esta trajetória real se reflete na filosofia, e como as formulações filosóficas, como o reflexo da trajetória real que conduziu a Alemanha ao hitlerismo, puderam ajudar a acelerar esse processo histórico.”<sup>610</sup>

Desde aí é possível notar a relação particular que Lukács estabelece entre história e filosofia. Por um lado, a filosofia aparece como o “reflexo” do desenvolvimento histórico “real”. No entanto, e isto fica claro na última parte do trecho citado, a filosofia – como reflexo mesmo desse desenvolvimento histórico-, logrou poder desempenhar o papel de “acelerar esse processo”. Sob essa formulação, aparentemente simples, imbricam-se uma série de questões complexa e, certamente, muito relevantes para a concepção da filosofia como a concebia o filósofo húngaro.

Nessa exposição, nosso objetivo é apontar algumas questões que nos pareceram estar no primeiro plano entre as preocupações filosóficas de Lukács na obra que agora nos propomos a abordar. Tais questões constituem-se, a nosso ver, como sendo três, a saber:

- a) Como e em que medida a filosofia pode ser considerada um “reflexo” do desenvolvimento histórico.
- b) Como a filosofia, enquanto “reflexo” desse desenvolvimento, ainda sim influi no processo “real” da história.
- c) Como essa concepção de filosofia imbui todo o trabalho de reflexão filosófica de uma responsabilidade perante a história e, logo, impõem a ela a tomada de certa postura.

---

<sup>610</sup> LUCKÁCS, *El Assalto a la Razón*, p.4.  
ISSN 2177-0417



Talvez, não seja inútil alertar a nosso ouvintes, desde o início, que essas três questões estão unidas por uma relação íntima, um entrelaçamento indivisível, no pensamento lukacsiano. Isto expressa-se desde a questão central entorno da qual se desenvolve *A Destruição da Razão*: a questão de descobrir o papel do irracionalismo na filosofia alemã do século XIX e início do século XX e o lugar que ela é chamada a cumprir no trágico caminho da Alemanha até o nazismo. Nesse ínterim Lukács demarca inconfundivelmente seu ponto de vista. Nesse posicionamento podemos perceber como as três questões que enunciemos possuem uma unidade indivisível. Nosso autor argumenta que a idéia de Razão ocupa um lugar especial na filosofia, uma dimensão insubstituível no trabalho próprio da filosofia, como ele expressou:

“A atitude favorável ou contrária a Razão decide, ao mesmo tempo, quanto a essência de uma filosofia como filosofia, enquanto a missão que é chamada a cumprir no desenvolvimento social.”<sup>611</sup>

Cabe-nos desenvolver duas questões que se desenrolam nesse contexto. Em primeiro lugar, há que se observar que na concepção lukacsiana de filosofia a Razão possuiu um lugar central e insubstituível, sem o que a Filosofia perde, por assim dizer, seu caráter propriamente filosófico. A Razão, destituída desse papel central, restará à filosofia apenas o papel de descer ao nível de uma ideologia, de propaganda e, portanto, tornar-se uma mera mistificação que oculta as verdadeiras relações filosóficas e sociais que, antes, ela deveria desvendar. Em segundo lugar, notemos que a Filosofia assim definida ganha uma dimensão prática – e, portanto, social e política – que ela é chamada à cumprir.

No entanto, antes de desenvolver mais apuradamente essas questões é mister esclarecer, tanto quanto nos é possível aqui, a concepção lukacsiana de Razão. Observemos que quando o filósofo está há falar sobre Razão, ele o faz desde o ponto de vista da filosofia hegeliana. Por outro, é relevante notar que não assume integralmente este ponto de vista, senão, que a imiscui – em um amalgama certamente original, como o notou Michael Löwy – com certas idéias retiradas da teoria marxista. Não nos é possível aqui fazer uma análise completa desse amalgama, em virtude das limitações que esta exposição possui, por isso nos contentaremos apenas em esboçar sua feição geral, que creio, bastará para a discussão que apresentamos. No início do Capítulo II da *A Destruição da Razão* Lukács considera:

---

<sup>611</sup> LUKÁCS, *op. cit.*, p.5.  
ISSN 2177-0417



“O fato de que Hegel não empregue o termo ‘irracionalismo’ não significa, de modo algum, que não se ocupe do problema das relações entre o irracionalismo e a dialética.”<sup>612</sup>

Ao que o filósofo um pouco a frente completa:

“Em todo o caso, trata-se de encontrar, em relação com isso [irracionalismo/dialética], os limites dos traços determinantes do entendimento, seu caráter contraditório, o desenvolvimento e o impulso ascendente do movimento dialético que aqui se opera até a Razão.”<sup>613</sup>

Através dessa passagem se vê que Lukács parte da concepção hegeliana de entendimento. Nesse contexto, o entendimento através de um movimento dialético que se desenvolve na contradição entre o sujeito e o objeto do conhecimento logra superar tais contradições na marcha do entendimento a uma compreensão totalizadora do real. O conceito de irracionalismo em Lukács definirá-se a partir desse pano de fundo:

“O tropeçar com estes limites pode ser para o pensamento humano, se vê nisso um problema que tem que resolver e, como disse acertadamente Hegel, ‘o começo e o rastro da racionalidade’, isto é, de um conhecimento superior, e ponto de partida para o desenvolvimento posterior do pensamento, para a dialética. Diferentemente, o irracionalismo (...) se detém precisamente neste ponto, faz do problema algo absoluto, converte-os em limites do conhecimento intelectual, petrificando-os, em limites do conhecimento em geral, e inclusive mistifica o problema, convertendo-o assim, artificialmente, em insolúvel, fazendo dele uma solução ‘supra-racional’.”<sup>614</sup>

Por esse trecho podemos perceber que o autor desenvolve sua concepção de irracionalismo de maneira muito particular. Desse ponto de vista, uma filosofia será considerada como irracionalista se ela negar-se a resolver, desde o método dialético, a contradição intrínseca à marcha do conhecimento onde o entendimento choca-se inevitavelmente com seus próprios limites e é chamado, então, através de um salto dialético a colocar-se sobre novos fundamentos na tarefa de abarcar a totalidade do real. Engels colocou essa mesma questão em seu texto *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*, onde ele afirma:

“Mas a verdadeira significação e o caráter revolucionário da filosofia hegeliana (...) é precisamente que ela coloque fim de uma vez por todas ao caráter definitivo de todos os resultados do pensamento e das atividades humanas. A verdade que se agita por reconhecer na filosofia não é mais, de acordo com Hegel, uma coleção de princípios dogmáticos estabelecidos, que não resta mais, quando eles são descobertos, que apreender pelo âmago; a verdade reside, pelo contrário, dentro do processo mesmo do conhecimento (...)”<sup>615</sup>

<sup>612</sup> LUKÁCS, *op. cit.*, p.76-7.

<sup>613</sup> LUKÁCS, *op. cit.*, p. 77.

<sup>614</sup> *Idem.*

<sup>615</sup> ENGELS, *Ludwig Feuerbach y el fin de la Filosofía Clásica Alemana*, p.5.



Engels nesse momento não falhará em ver a dialética desse processo, e nisto há um paralelo pertinente com a obra de Lukács. Engels desenvolve sua análise sobre a filosofia hegeliana desde um ângulo do materialismo histórico, ou seja, quer extrair do caráter “revolucionário” da filosofia hegeliana uma implicação para a análise do desenvolvimento histórico e social. Daí afirma que:

“E assim a tese de Hegel [‘tudo que é real é racional, e tudo que é racional é real’]<sup>616</sup> se transforma, pela própria dialética hegeliana, em seu contrário: tudo o que é real dentro do domínio da história humana, transforma-se, com o tempo, irracional, e desde já por destinação irracional, marcado para avançar à irracionalidade (...)”<sup>617</sup>

Ou seja, um momento histórico determinado – com suas instituições políticas, sociais e econômicas, com sua *razão* (no sentido de necessidade intrínseca) própria -, com o desenvolvimento do processo histórico mesmo, perde sua *razão* (razão de ser, os imperativos mesmo de sua necessidade histórica). Isto é, no campo da *razão* – do entendimento como compreensão totalizadora do real – deixa de aparecer como uma necessidade absoluta, para compor, agora, a nova compreensão do entendimento, sobre seu próprio processo de desenvolvimento, como um momento particular, e portanto incompleto, da sua busca pelo envolvimento do real em sua totalidade. Dito de outra forma, de acordo com Engels ainda, este momento perde “seu direito de existir”.<sup>618</sup> Creio que tais considerações permitem jogar luz sobre a postura lukacsiana sobre o irracionalismo. Por elas explicam-se o veredicto último de Lukács sobre essas filosofias. A saber, sua afirmação do caráter “retrogrado” e “reacionário” delas, como o filósofo húngaro insistentemente afirma na *A Destruição*. Não devemos deixar passar em silêncio aqui o radicalismo desmedido da postura de Lukács. Essa radicalismo – certamente no sentido pejorativo da palavra – não deriva, na obra de Lukács, de algum tipo de miopia filosófica, que, por meio de uma operação reducionista, produziria uma análise pobre e incorreta dessas filosofias que ele propõem-se a estudar. Senão, ela é o produto de sua concepção mesmo de Filosofia e Razão. Seu julgamento duro e inequívoco sobre essas filosofias parte da crítica de seus aspectos anti-filosóficos – por assim dizer - para culminar na acusação de que elas “aceleram” o processo que levou a Alemanha a ser tragada pela irracionalidade absoluta da ideologia nazista. Se a severidade de Lukács em seus julgamentos pode nos parecer desmedida, há que se notar que ele não pretende, e rejeita claramente essa posição, de que exista uma linha de parentesco direto, alguma

---

<sup>616</sup> Conforme a citação de Engel nesse texto, que difere um pouco dos termos empregados pelo próprio Hegel.

<sup>617</sup> ENGELS, *op. cit.*, p.6.

<sup>618</sup> *Idem.*



genealogia possível, que ligue a filosofia de um Schelling, ou um Schopenhauer, ou mesmo a de Nietzsche, com a ideologia hitlerista. Senão, que sua posição fundamenta-se exatamente nisso: essas filosofias ao negar a resolução dialética das contradições intrínsecas do conhecimento agem contra a compreensão totalizante do real. Tais filosofias, então, passaram a aparecer no pensamento de Lukács como um bloqueio a dinâmica própria do desenvolvimento histórico do conhecimento, e conseqüentemente, agem contra sua natureza, concebida aí se levarmos em consideração a postura de Engels, como essencialmente revolucionária.

Creio que esse seja o ponto vital da argumentação lukacsiana sobre o irracionalismo. Tal conceito possuem, pois, duas dimensões, intrinsecamente ligadas: do ponto de vista estritamente filosófico, caracterizam-se pela postura anti-dialética, em especial, em sua dimensão – como o assinalou Rockmore – epistemológica. Do ponto de vista sócio-histórico da filosofia, tal recusa da dialética como *método* implicará em um caráter reacionário, pois, essas filosofias insistem em um problema filosófico que teria sido superado por Hegel e, portanto, debatem-se, no plano filosófico mesmo da questão, em um horizonte conceitual que teria “perdido seu direito de existir”. Tal é, em primeiro plano, o caráter “reacionário” do irracionalismo. Porém, há que se observar, tais considerações não esgotam a perspectiva de Lukács sobre essa questão. Pelo contrário, elas representam o problema do irracionalismo desde uma certa perspectiva, que, talvez, Lukács não considerasse a mais importante de sua análise, embora seja, certamente, uma questão importante para entender sua postura.

Não poderemos desenvolver aqui, de maneira mais detalhada outros aspectos da discussão. Porém, será útil apontar por onde elas deitam seus ramos. Em primeiro lugar, observemos que tal discussão deverá se relacionar com a dimensão fetichista e mistificadora própria da consciência burguesa na concepção lukacsiana. Em segundo lugar, essa análise não poderia ser minimamente fidedigna à posição do filósofo húngaro sem notar que sua postura filosófica constitui-se, em diversos de seus trabalhos e, certamente na *A Destruição da Razão* também, ao menos em parte, em torno de sua notória discussão sobre a consciência-de-classe e suas re-configurações no decorrer de seu trabalho filosófico. Sobre isso, em um prefácio à edição francesa<sup>619</sup> de *História e Consciência de Classe*, Lukács retomará a discussão sobre as contradições entre o sujeito e objeto do conhecimento e a relação particular que isso estabelece com a alienação e sua superação possível:

---

<sup>619</sup> LUKÁCS, 1967.  
ISSN 2177-0417



“O conteúdo do conhecimento pode retro-referir-se ao sujeito cognoscitivo, mas não por isso o ato do conhecimento perde seu caráter alienado. Na *Fenomenologia do Espírito* Hegel rechaçou justamente a realização místico-irracionalista do sujeito-objeto idêntico, a ‘intuição intelectual’ de Schelling, e fundamentou a instância de uma solução filosoficamente racional do problema. Seu sentido são de realidade dez com que sua instância não passasse de uma instância; é certo que sua construção geral do mundo culminaria na perspectiva de sua realização, mas nunca mostra de modo concreto, em seu sistema, de que forma pode-se satisfazer essa instância.”<sup>620</sup>

Observemos como essa passagem de Lukács pode estabelecer uma relação com a discussão que empreendemos sobre *A Destruição da Razão*. Se, por um lado, a negação da superação dialética da contradição entre sujeito e objeto do entendimento leva-nos a “petrificar” essa relação, a tomá-la como um limite absoluto do conhecimento e, logo, nesse ponto de vista, deve aparecer como a recusa em fazer avançar o conhecimento. Por outro lado, Lukács alerta no trecho que acabamos de citar que tal contradição não é passível de uma resolução absoluta, esta deve permanecer como a perspectiva máxima do movimento de superação dialético sem jamais, no entanto, ser passível de uma realização concreta. Daí que todo conhecimento apareça, nesse contexto, com um aspecto alienado. É preciso concluir dessas considerações que a *práxis* aí ocupa um lugar especial e insubstituível. Pois, nesta perspectiva, ela exercerá a função de mediação dessa contradição. Que tal conclusão terá grandes desdobramento na teoria marxista não será difícil de perceber. No entanto, gostaríamos de reter apenas um aspecto dessa questão, será nesse ínterim que podemos observar a relação de semi-reciprocidade que Lukács estabelece entre filosofia e história. Poderíamos utilizar uma formulação de Althusser para resumi-la nos aspectos que nos são interessantes nessa discussão:

“Por uma parte eu considerava que todo político inclusive se não diz nada sobre filosofia, como Maquiavel, pode ser filósofo pleno, e por outra parte que todo filósofo, inclusive se não diz quase nada de política, como Descartes, pode ser político em sentido pleno, porto que a política dos filósofos, isto é a política que constitui as filosofias em filosofias, é uma coisa muito diversa do que a concepção política de seus autores.”<sup>621</sup>

Não é senão dessa perspectiva que Lukács nos fala na *A Destruição da Razão*. Que outro sentido poderia assumir sua postura? Observemos que Lukács rejeita qualquer tipo de “desenvolvimento imanente” da filosofia. Porém ele vê no processo histórico que levou a Alemanha ao hitlerismo e o desenvolvimento da filosofia alemã do período

<sup>620</sup> LUKÁCS, *Historia y consciencia de clase*, p. 21.

<sup>621</sup> ALTHUSSER, *Tesis de Amiens*, p.151.



um paralelo que ele chamou de “destronamento da razão”. Para que Lukács possa afirmar que entre a irracionalidade relativa do conceito de intuição em Schelling tenha contribuído de alguma maneira ao desenvolvimento das condições históricas para o surgimento da irracionalidade absoluta da ideologia nazista, sem recorrer a qualquer tipo de argumentação de um parentesco filosófico ou qualquer ancestralidade, deverá observar-se que a única relação possível aí seria: a medida que as filosofias irracionais, uma após a outra, lograram contribuir para operar completamente a cisão da relação dialética entre razão e irracional. Nessa cisão a irracionalidade relativa, a alienação intrínseca em todo processo de conhecimento, autonomiza-se totalmente do julgo da razão e agora, pode dominá-la. Essa cisão fez com que a razão perdesse sua posição central na filosofia e, agora, deriva-se a sorte das mares do irracionalismo. Nisto deve ficar claro que a Razão pode perder completamente o sentido de uma totalidade compreensiva do real e esteja sujeita a ser manuseada, agora, apenas em partes. Passível de ser utilizada apenas como um instrumento, ou dito ao gosto da Teoria Crítica, que ela exerça a função, apenas, de uma razão instrumental e tome parte, ela mesma, no processo de alienação.

### Referências Bibliográficas

- ALTHUSSER, Luis. *Tesis de Amiens*. Revista Dialéctica, Vol 03, nº II, pp.149-197. México: Universidad Autónoma Del Puebla, 1977.
- ENGELS, Frederic. *Ludwig Feuerbach y el fin de la Filosofía Clásica Alemana*. Madrid: Ed. Fundación Federico Engels, 2006.
- LOWY, Michael. *Naphta or Settembrini? – Lukács and Romantic Anticapitalism*. in
- MARCUS, Judith & TARR, Zoltán. *Georg Lukács: Theory, Culture, and Politics*. New Brunswick: Transaction Books, 1989.
- LUKÁCS, George. *El Assalto a la Razón*. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1976
- LUKÁCS, George. *Historia y consciencia de clase*. Habana: Instituto del Livro, 1970.
- ROCKMORE, Tom. *Irracionalism: Lukács and the Marxist View of Reason*. Philadelphia: Temple University Press, 1992.